

## “Arnaldo Jabor e os revoltosos de classe média que não valiam um vintém”<sup>1</sup>

João Luíz Victal<sup>2</sup>  
Patrícia Saldanha<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

Considerando a representação midiática sobre os acontecimentos ocorrendo em meio a um embate pela reverberação de sentidos dominantes em sociedade parte-se de um pressuposto sobre a produção da informação previamente articulada a uma lógica comercial de aceitação junto ao público. Este artigo pretende uma reflexão crítica sobre a apropriação midiática do comentarista como um instrumento ideológico, tendo como objeto, o pronunciamento inicial de Arnaldo Jabor sobre as manifestações de 2013 para, deste modo, buscar estabelecer relações de conformação na opinião expressa pelo comentarista a um pensamento liberal flando dentre a sociedade. Será utilizada como metodologia a revisão bibliográfica, a pesquisa exploratória e a análise qualitativa sobre o material selecionado com uma abordagem em conceitos Frankfurtianos (ADORNO; HORKHEIMER.1991;1996; MARCUSE 1982;1999), de hegemonia (GRAMSCI.1982; COUTINHO.1999); e Estado, Democracia e Liberalismo (BOBBIO, Norberto 2006b.2000; HOBBS, 2000) e sobre o papel da mídia na atualidade (IANNI.2000), entre outros.

Palavras-chave: **mídia; sociedade; subjetividades; estado; liberal.**

### INTRODUÇÃO:

Desde a chegada da internet, a utilização das redes sociais como ferramenta digital de mobilização foi uma das mudanças fundamentais que contribuíram para uma percepção de que seria possível, em algum momento, uma participação social mais efetiva, capaz de buscar mudanças na contradições impostas pela realidade sócio-política-econômica da atualidade.

A crença de que viveríamos em um espaço social-democrático é transmitida e intermediada pela grande mídia, que propaga a todo o tempo o discurso da “liberdade”, tanto no âmbito acadêmico como no da opinião pública. No entanto, é possível observar que, este pode ser o lugar onde o pensamento liberal assume relevância e anuncia, sobre

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Mídia e Cotidiano PPGMC-UFF, email: [jvictal@gmail.com](mailto:jvictal@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Profª Adjunta 3 da Universidade Federal Fluminense do curso de Publicidade e Propaganda; Professora do quadro permanente do PPGMC /LaPA (Laboratório de Pesquisa Aplicada), Coordenadora do Laccops e membro fundados do INPECC (Instituto Nacional de Pesquisa em Comunicação Comunitária), Coordenadora do Intercom Jr. de Publicidade e Propaganda. [email:patsaldanha@gmail.com](mailto:patsaldanha@gmail.com)

uma semiformação na sociedade, uma predominância de concepções individualistas que se sobrepõem aos interesses coletivos.

Em virtude disso, depreende-se que a profusão de informação disponibilizada atualmente não diferenciaria a percepção dos indivíduos, mas sim, poderia direcioná-los a uma provável *mimese* ou homogeneização das consciências. Reiterando esta primeira etapa da argumentação, Adorno e Horkheimer (1991, p.156) afirmam:

[...] Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa [...] e nesse lugar se edificam os preceitos explicitados sobre a indústria cultural atuando na *mimese* dos receptores.

Portanto, é oferecido um ideário de alinhamento e reconhecimento social estruturante da subjetividade nos indivíduos, algo que forneceria assim, sentidos dominantes e uma conseqüente homogeneização nas percepções sociais da realidade, que podem influenciar opiniões, comportamentos e estilos de vida através de uma dispersão midiática que denota a necessidade de um olhar detalhado sobre a recorrência desse tipo de discurso na dinâmica de produção e na apropriação pela sociedade.

É nesse contexto, que o presente texto tem por objetivo central refletir criticamente, sob uma perspectiva relativa à influência do pensamento liberal na sociedade atual, considerando-se o crescente protagonismo do mercado e a ubiquidade midiática que opera no núcleo de produção simbólica das identidades, na medida em que se veiculam valores e normas de conduta agregados à uma lógica de produção na voz de “intelectuais modernos” (IANNI,2000).

Não só a produção, como a reprodução dos ideais de alguns estratos sociais na/pela sociedade, seriam reverberados via grande mídia, confirmando uma ótica parcial dos acontecimentos e implicando em um nivelamento da subjetividade dos indivíduos comuns; dispendo-a, portanto, como um instrumento que reflete interesses de poder para atingir um fim predominantemente fundamentado em interesses mercadológicos.

Nesse sentido, a pesquisa destaca a necessidade de um estudo que possibilite ao profissional da área de comunicação, possibilidades de avaliação sobre algumas implicações do referencial discursivo que se empenha estrategicamente em constituir subjetividades conformadas sobre que é veiculado cotidianamente pelos meios de comunicação de massa.

Em virtude disso, é preciso considerar a privatização cognitiva dos indivíduos pelos conglomerados de comunicação que, fomentados por corporações transnacionais, operam na lógica de um sistema político-econômico que possui interesses próprios e que pode estar relacionada à naturalização do ideário liberal na sociedade, sentidos que poderiam amenizar uma percepção das contradições sociais a partir da ratificação de uma ótica individualista entre os atores sociais.

Entendendo que a produção hegemônica de sentidos compartilhada em sociedade passa a se refletir nas interações simbólicas cotidianas e, deste modo, poderia derivar em percepções distorcidas dos indivíduos sobre os acontecimentos e, conseqüentemente, na atuação do Estado, uma vez em que a produção discursiva dos MCMs<sup>4</sup>, mais especificamente na televisão, é contínua. É perceptível uma lógica de mercado na produção das narrativas coerentes, em maior ou menor grau, a um prévio sentido social que passa a ser amplamente partilhado.

Assim, o objetivo da pesquisa é pretendido através da representação midiática de um episódio, como foi o início das manifestações populares ocorridas em junho de 2013, e deste modo, buscaremos perceber a influência uma ideologia liberal sendo propagada através do comentarista Arnaldo Jabor, como um instrumento para que a sociedade reproduza esse conjunto de sentidos ao nível da própria percepção sobre o acontecimento e, desta maneira, limitando um discernimento efetivo sobre as contradições impostas pelo nosso modo de produção. Isso é um reflexo de nosso cotidiano, da cultura em que vivemos, e que de algum modo também corroboramos.

Diante do panorama exposto, constata-se a que a mídia se apropriou do discurso e da aceitação social a partir de um poder de análise "intelectualizado" e elitizado, para a representação midiática sobre o surgimento dos protestos em junho de 2013. A pesquisa procura seguir além de um entendimento tácito sobre a hegemonia, para buscar compreensão em um viés que abarque a modernização da sociedade e a influência da indústria cultural em um processo de reverberação ideológica.

Por meio de uma análise detalhada sobre o objeto selecionado, é buscada uma reflexão crítica sob um contexto que englobe a apropriação midiática do comentarista Arnaldo Jabor, atuando como um (con)formador de sentidos através da representação

---

<sup>4</sup> A utilização do termo MCMs ao longo do artigo remete-se aos meios de comunicação de massa.

jornalística sobre os acontecimentos. Uma estratégia comercial que oferece para indivíduos vivendo em um estado de semi-formação, uma percepção social previamente articulada a um sentido social dominante.

A fundamentação teórica do artigo se edifica em conceitos frankfurtianos (ADORNO; HORKHEIMER.1991;1996; MARCUSE.1982;1999), de hegemonia (GRAMSCI.1982; COUTINHO.1999); Estado, Democracia e Liberalismo (BOBBIO, Norberto. 2006b.2000; HOBBS, 2000) e sobre o papel da mídia na sociedade atual (IANNI.2000), entre outros.

## **MÍDIA E HEGEMONIA**

É notável como algumas vezes, personalidades percebidas socialmente como atreladas à formação de alguma consciência crítica, exponham sua credibilidade posicionando-se discursivamente a favor da manutenção de sentidos hegemônicos diante de contradições sociais.

A grande mídia objetiva a aceitação social e para isso busca uma produção de sentidos aproximados com uma hegemonia. Para tal, ela se apropria de indivíduos especificamente reconhecidos como porta vozes dentre um público almejado, neste caso a classe média. A corporação midiática Globo, pode ser citada no Brasil como um exemplo prolífico da utilização da comunicação a serviço de práticas hegemônicas, como é o caso da relação entre MCMs como o Jornal da Globo e a rádio CBN (Central Brasileira de Notícias) com seu comentarista Arnaldo Jabor.

Quando se iniciaram os protestos contra o aumento da passagem, no dia 12 de junho, Jabor posicionou-se em sua coluna no Jornal da Globo e na rádio CBN, condenando o surgimento dos protestos e defendendo uma ideologia liberal de acordo com a visão da corporação midiática que ele representa. "Esses revoltosos de classe média não valem nem 0,20 centavos", o comentarista afirmava sobre os manifestantes.

Vale ressaltar o papel social de Arnaldo Jabor, que desempenha a função de jornalista opinativo em uma coluna no Jornal da Globo e na rádio CBN. Ele se baseia em uma análise sobre acontecimentos da atualidade para dissertar um posicionamento ideológico que, frequentemente, conforma seus discursos com a agenda liberal. A corporação Globo, onde Jabor atua, possui a quarta maior TV pública comercial do

mundo em que, diariamente, interesses voltados ao “mercado” são propagados para um público estimado em 150 milhões de pessoas, no Brasil e no exterior.

A atuação de Jabor, muitas vezes, se vale em narrativas do medo confeccionando esforços explicativos a sociedade girando em torno a um eixo ideológico. Operando como um “porta voz” do mercado, ele amedronta e confunde seu público, direcionando sua percepção social a favor de interesses que não ficam claros em seus posicionamentos. Por isso, é perceptível como, eventualmente, o comentarista torna-se tendencioso, quando critica a atuação de governos que não seguem a agenda liberal e, de acordo com a argumentação, quando desqualificou os protestos populares que se formavam em discursos sobre “vandalismo”.

Analisando a etimologia e o significado da palavra “Vândalo” verifica-se sua origem no Latim em “*Vandalus*”<sup>5</sup>, que seria o nome atribuído à tribo germânica que saqueou Roma em 455, enquanto o nome adotado pelos membros dessa tribo sobre si mesmos seria *Wandal*, algo traduzido como “errante”. No entanto, essa nomenclatura foi historicamente associada a depredações sem sentido, pelo modo como foram destruídos os monumentos da cidade, conforme a análise de significado<sup>6</sup> do termo demonstra: “aquele que pratica atos de vandalismo; adjetivação de Bárbaro, sem cultura, selvagem, destruidor, vandálico.”

Relacionando o registro histórico e a significação da palavra sob a apropriação midiática, depreende-se que “Vândalo” foi um termo naturalizado em narrativas jornalísticas com um objetivo de esvaziamento de sentidos sobre quaisquer protestos sociais divergentes ao status quo, para relacioná-los em um contexto essencialmente pejorativo que se foca na depredação .

A ratificação de uma concepção de "realidade" conforme explica Sodré (2002), pode ser entendida como a exposição de fatos sociais ultrapassando a menção nos meios de comunicação para fazerem parte do imaginário coletivo no cotidiano. Para o autor, seria como a difusão de um senso comum socialmente modelado a respeito dos fatos em evidência na esfera social.

---

<sup>5</sup> Etimologia em: Origem da Palavra disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/vandalismo/>

<sup>6</sup> Michaelis Online, disponível em : <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=vandalo>

Entendendo a relevância pública na ocorrência de fatos de importância sócio política, como foram as grandes manifestações em junho de 2013, que fazem com que a grande mídia se aproprie de figuras socialmente aceitas em um público elitizado, para uma representação conformadora sobre os acontecimentos a uma sociedade que clama por informação no cotidiano.

O comentarista Arnaldo Jabor se tornou notório socialmente pela sua produção cinematográfica e literária. Em virtude disso, Jabor, naquele momento, era reconhecido dentre setores da classe média como uma fonte de credibilidade intelectualizada, conquistando assim, um lugar de fala de destaque na grande mídia, onde discorre com autoridade e atua como um porta voz ideológico através de seus comentários.

Gramsci (1982) explica que todos os homens são intelectuais, no entanto somente alguns desempenhariam tal função na sociedade. Nas palavras do autor:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (Gramsci.1982.p4)

Ao longo do tempo os conceitos de Gramsci (1982) foram utilizados por diversos autores, que desenvolveram noções próprias levando em conta a modernização tecnológica e as mudanças na relação entre a sociedade e a mídia através dos MCMs. De toda forma, na atualidade, surge uma concepção inovadora de “intelectual”, proposta por Ianni (2000), que incorpora o entendimento de Gramsci, associado a organizações, ao de Maquiavel, de um líder personificado, assim como outros, e desenvolve uma noção atualizada, denominada "Príncipe Eletrônico", que permeada pelos aspectos da sociedade midiaticizada, se torna uma forma de intelectual orgânico da modernidade que “simultaneamente subordina, recria, absorve ou simplesmente ultrapassa os outros.” (IANNI. 2000.p.145) O autor posiciona a Mídia nesse "lugar" e a explica como um agente a serviço da propagação de uma hegemonia social.

Diante do exposto, a grande mídia através do comentarista Arnaldo Jabor, foi compreendida como um intelectual orgânico a serviço da preponderância de interesses ligados a setores de classe média no Brasil. Sendo assim, mostra-se pertinente uma averiguação sobre os esforços explicativos do comentarista, já que são reiteradamente

estruturados em temáticas onde quaisquer assuntos relacionam-se amparando narrativas a serviço de interesses que não ficam claros em seus posicionamentos.

Destacando a influência do desenvolvimento tecnológico da atualidade que tornou-se presente também nos aparelhos privados de Hegemonia, como a Mídia, que exerce um prestígio sobre uma parcela considerável da sociedade, torna-se relevante amparar esta reflexão crítica sobre a comunicação em autores frankfurtianos.

Para Marcuse (1999:73), a tecnologia, assim como a totalidade dos instrumentos que caracterizaram a era da máquina, “é ao mesmo tempo uma forma de organizar e perpetuar as relações sociais”, manifestando o pensamento e padrões do comportamento dominantes, ou seja, como “um instrumento de controle e dominação”.

O conceito de Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer.1991), é exposto como consequência de um processo de popularização de uma cultura dominante burguesa, proporcionada pela sociedade industrial e sendo reverberada através dos MCMs. Deste modo, compreende-se que a representação midiática da informação, transformada através da técnica, a subverte sob uma lógica capitalista, envolvendo os indivíduos em uma atmosfera social conformada sobre os acontecimentos. Tais características, conseqüentemente, poderiam atenuar a criticidade social diante as narrativas expostas e, dessa maneira, podendo esvaziar algumas possibilidades de autonomia, conforme explicam os autores (idem. 1991, p.125): “Sob o monopólio privado da cultura a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma.”

A tecnologia empregada nos MCMs no âmbito da indústria cultural, foi compreendida por Adorno e Horkheimer (1991) como um aparato de dominação pelo capital, e que este, poderia indicar no inconsciente em sociedade alguns modelos culturais a serem conformados com interesses de mercado, como é o caso de Arnaldo Jabor que, apropriado pela mídia, atua como um porta-voz ideológico para um público.

Esta característica da disposição da racionalidade do indivíduo somente para a manutenção do capital, produziria assim, uma falsa aproximação entre o indivíduo e a sociedade. A argumentação proposta contempla, de certo modo, o que Adorno (1986) denominou como “pseudo-individação”. A noção do autor, adaptada ao contexto atual, pode indicar uma adesão dos indivíduos a uma “lógica de mercado” de maneira análoga ao entendimento elaborado pelos frankfurtianos sobre a indústria cultural, a qual cria “[...] a falsa identidade do universal e do particular [...]” (ADORNO E HORKHEIMER,

1944/1991, p. 114), conduzindo uma relação entre o indivíduo e a sociedade sendo trespassados pela atuação da mídia e, deste modo, objetivando uma “[...]integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores [...]” (ADORNO, 1986a, p.92).

Concluindo uma análise crítica sobre a produção da informação como uma mercadoria, depreende-se como isso reflete na representação midiática sobre os acontecimentos e, denota a relevância em compreender a modo como se atinge o objetivo almejado, que seria apenas de satisfazer a demanda de um público consumidor.

Aproximando a questão de uma análise sobre a atuação de Arnaldo Jabor ao surgimento dos protestos, compreende-se a perda de seu “lugar de fala” no momento em que ele se descaracteriza como um “porta-voz” e desqualifica seu próprio público, atribuindo a “Vândalos de classe média”, um “ódio injustificado” de quem não precisa importar-se com apenas 0,20 centavos. Embora tenha sido desastroso, é perceptível no posicionamento do comentarista, a valorização de uma postura individualista em detrimento de uma coletividade, e, deste modo, revelando uma coerência a uma ideologia presente no estrato social para o qual ele se representa, o pensamento liberal.

## **ESTADO DEMOCRÁTICO E PENSAMENTO LIBERAL**

A partir de uma reflexão sobre as dinâmicas na representação sobre os acontecimentos por meio da indústria cultural, seguiremos adiante pensando e argumentando sobre a influência do pensamento liberal, para tal, buscando a fundamentação em estudos sobre a formação do Estado, disposto em clássicos da literatura política como Thomas Hobbes e Norberto Bobbio.

Quando Hobbes (2000, p.146,147) demonstra pessimismo diante a natureza humana em: "Homo homini lupus est" (O homem é o lobo do homem), ele explica sobre a formação do Estado moderno em que o Soberano detinha a decisão sobre todas as esferas. Um poder que era baseado na aceitação de um pacto social, em que todos se submetiam a um poder centralizador e incontestável sobre a sociedade, suprimindo assim, um conflito perpétuo entre os homens em estado de natureza amparado pelo medo da punição na forma da lei, deste modo, pacificando as relações em sociedade.

A formação da lei costuma sedimentar-se em valores pertencentes a uma ideologia dominante direcionando o poder do Estado sobre a sociedade e a contribuição



de Hobbes (2000 p.114), de certa maneira, descreve uma trajetória de ratificação desse poder. Todos concordaram contratualmente em abdicar de seus direitos em favor do soberano. A partir de então, o soberano passa a deter o monopólio sobre a legitimidade da coerção e, assim, foi possível tornar-se um representante do cidadão.

A democracia é uma forma mais recente de organização social que atribui a titularidade do poder ao comum em sociedade, onde as decisões coletivas seriam adotadas pelo povo mediante mecanismos de participação que confiam a legitimidade do poder a um representante eleito. No caso brasileiro, é aplicado o modelo político da democracia representativa, onde as decisões que regem a sociedade, são tomadas indiretamente por representantes eleitos pelo povo.

Quando observamos a dimensão viva da sociabilidade atuando na democracia seria possível então, estabelecer um paralelo com a influência de um pensamento liberal que se empenha em estar onipresente na sociedade influenciando a democracia e adentrando a atuação do Estado permeando as questões sócio políticas no cotidiano? As forças políticas que conquistam a representatividade na democracia tendem a instituir um aparelhamento das instituições, ou aparelhos privados de Hegemonia, a uma ideologia sendo posta em prática.

Deslocando a análise para a gestão do Estado nas sociedades capitalistas atuais, é percebida uma concentração do poder de decisão no que, Boron (2001) exemplificou como "novos leviatãs", sobre as corporações transnacionais dispendo sua influência sobre os Estados. Estendendo a argumentação proposta, torna-se necessário buscar alguma compreensão sobre o nosso modelo de democracia sob a influência de um pensamento liberal onipresente na própria sociedade.

A formação do Estado moderno surgiu da necessidade de limitar o monopólio desse poder centralizador, e do mesmo modo, a estrutura de domínio do estado político. A melhor forma de limitação desse poder, segundo Bobbio (2000), se realizou através de sua distribuição, como ocorre na Democracia. Porém, como foi exposto, algumas características do pensamento liberal trespassam a sociedade tendendo a uma aproximação sobre a própria concepção do Estado, podendo torná-lo permeado em alguns preceitos da doutrina do liberalismo econômico.

Em virtude da argumentação exposta, embora Bobbio (2006) afirme que "quando no século passado se manifestou o contraste entre liberais e democratas, a

corrente democrática levou a melhor, obtendo gradual mas inexoravelmente a eliminação das discriminações políticas, a concessão do sufrágio universal" (Bobbio, 2006a, p. 96). O que é analisado, é que a ideologia liberal pode, muitas vezes, exercer influência na própria democracia. Por isso, a concepção da pesquisa entende que regimes denominados como democracias, possam sim, ser preponderantes ao pensamento liberal mais do que propriamente democráticos.

Vale ressaltarmos que a doutrina liberal é a favor da democracia formal. Porém, o indivíduo pertencente ao povo e que, originalmente, seria o detentor desse poder de participação sofre influência de um pensamento coletivo preexistente que esvazia essa possibilidade de autonomia transferindo seu direito de decisão para uma estrutura de Estado, negando assim, uma idealização de participação democrática. Aproximando a questão da influência midiática neste processo, o posicionamento de Jabor enfatiza um individualismo em que um vintém não se constituía em uma causa para classe média.

Embora historicamente a democracia e o liberalismo não são próximos em outras concepções de Estado, este artigo busca entender a ocorrência de alguma conciliação entre a democracia e o liberalismo como necessidades atendidas pela classe detentora do poder econômico, a burguesia liberal, como explica Bobbio:

O Estado liberal é o pressuposto não só histórico, mas também jurídico do Estado democrático. Estado liberal e Estado democrático são interdependentes em dois modos: na direção que vai do liberalismo à democracia, no sentido de que são necessárias certas liberdades para o exercício correto do poder democrático, e na direção oposta que vai da democracia ao liberalismo, no sentido de que é necessário o poder democrático para garantir a existência e a persistência das liberdades fundamentais. Em outras palavras: é pouco provável que um estado não liberal possa assegurar um correto funcionamento da democracia e de outra parte é pouco provável que um estado não democrático seja capaz de garantir as liberdades fundamentais." (Bobbio, 2006b, p. 32-33).

Para a doutrina liberal, o Estado é fundamental para assegurar a paz oriunda de um pacto social, assim, favorecendo o progresso e o desenvolvimento econômico. Em contrapartida, o Estado democrático restringe o que essa ideologia defende: a liberdade individual como premissa básica. Por essa razão, um Estado democrático liberal costuma limitar as suas funções como soberano em detrimento do mercado. Conforme a análise e a contextualização expostas sobre a democracia atual, que, por natureza, seria

incompatível com a doutrina liberal, poderia então transformar-se em um estímulo a profusão de um pensamento liberal na sociedade.

Essa particularidade edifica-se na sociedade, segundo Bobbio (2000), sedimentada em características como a aceitação social de que o desenvolvimento econômico pode e deve ser individual, fomentando a ideia de que a democracia deveria ser apenas uma formalidade submetida a interesses econômicos. Como é o caso da atuação de Jabor, que desqualificou o protesto como um “ódio violento contra a cidade” e defendeu a repressão do Estado e os policiais apedrejados enquanto destacava outras prioridades, como a aproximação de uma hipotética “crise econômica, com inflação, fuga de capitais, juros e uma alta do dólar.”

Desta maneira, o pensamento liberal poderia ser compreendido na defesa de uma igualdade, mas somente nos termos de uma formalidade, já que essa igualdade não ocorre socialmente. O direito do cidadão em uma democracia liberal existe até confrontar um interesse econômico. Conforme demonstraram os comentários de Jabor afirmando que “ali não havia pobres que precisassem daqueles vinténs” e tentando assim esvaziar uma discussão sobre os motivos do protesto em uma “ausência de causas”.

A contradição entre a noção de democracia permeada por um pensamento liberal é justificada por Bobbio na garantia de direitos individuais, que na leitura do autor sobre o liberalismo são vistas como: "expressão da personalidade individual, mesmo se o desenvolvimento da personalidade mais rica e dotada puder se afirmar em detrimento do desenvolvimento da personalidade mais pobre e menos dotada" (Bobbio, 2006a, p. 39). Lembrando que Bobbio aponta benefícios neste sistema democrático liberal afirmando que ele pode ser desenvolvido ampliando a representação popular e as possibilidades de voto como "os espaços nos quais podem exercer este direito" (Bobbio, 2006b, p. 40).

A partir de um panorama exposto sobre um pensamento liberal onipresente no âmago da sociedade capitalista, a democracia passa então a viabilizar uma aproximação a uma ideologia de mercado e, desta maneira, norteadando o pensamento dos indivíduos e adequando a própria gestão do Estado ao progresso e ao desenvolvimento econômico em detrimento do desenvolvimento humano.

Retomando o foco da pesquisa sobre o contexto sociopolítico das manifestações em 2013, são almejadas hipóteses ao tratamento dado pela imprensa ao fato, neste caso, direcionando o foco da observação aos posicionamentos de Arnaldo Jabor. Percebendo a

práxis jornalística como um instrumento de interesse mercadológico, é compreensível um entendimento sobre uma conformação relacionada a uma recepção almejada em um mercado consumidor, já que o contexto social ao início dos protestos, compreendia um discurso de resistência na opinião pública em virtude dos impedimentos causados ao trânsito. Esta, seria uma exemplificação adequada sobre a influência de um pensamento liberal, operando na trama social, na estrutura política e na própria atuação do Estado.

A repressão do Estado amparado pela lei relaciona-se a ideia de que essa igualdade de direitos não depende de uma igualdade de condições, nesse aspecto, há incompatibilidade entre o liberalismo e a democracia, pois o ato democrático atende apenas a uma idealização formal e não material da realidade social. O liberalismo tem como fundamento a liberdade, mas é contrário a igualdade do ponto de vista econômico. O pensamento liberal teria como foco um desenvolvimento individualizado, mesmo que em consequência cause alguma desvalorização ao coletivo.

O direito de manifestação é garantido pela constituição brasileira<sup>7</sup>, entretanto, o mesmo não pode infringir a liberdade expressa em outros direitos. O Art. 5º, inciso XVI da Constituição Federal dispõe sobre o "direito de reunião", entretanto, ele é condicionado à observância de outros direitos, como a liberdade de ir e vir, cabendo lembrar que é vedado o anonimato sob a alegação de que poderia incitar a violência.

Quando ocorre uma disputa entre o direito coletivo de manifestação, neste caso, contra o aumento da tarifa no transporte público, interferindo em uma concepção liberal individualizada de cidadania sobre o ideário democrático, essa requisição coletiva não pode ir de encontro a liberdade individual de ir e vir, descrita na constituição no art 5º, inciso XV: “É livre a locomoção no território nacional em tempos de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”. Nota-se que a percepção individualizada de um cidadão norteador pelo pensamento liberal é amparada pela lei, e esvazia qualquer direito à manifestação de um coletivo em detrimento da liberdade individual de ir e vir. Essa dicotomia presente na democracia associada a uma gestão ineficiente do Estado e a disputa pelo espaço urbano entre as pessoas, desencadeou uma situação caótica de mobilidade urbana nas grandes cidades

---

<sup>7</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm) acessado em 13/07/15 às 03:00 hs.

do Brasil e, como se sabe, exerceu influência no surgimento das grandes manifestações populares ocorridas em junho de 2013.

## INDÚSTRIA CULTURAL E PERCEPÇÃO SOCIAL

Retomando ao aspecto da percepção social e da comunicação, percebe-se o impacto da tecnologia e da indústria cultural promovendo uma difusão de sentidos dominantes na sociedade atual e os Frankfurtianos Adorno e Horkheimer (2006) analisaram a crise da formação cultural decorrente dessas mudanças: “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede”. (ADORNO, 2010:9).

Adorno e Horkheimer (2006) desenvolveram o conceito de semiformação<sup>8</sup> (*Halbbildung*) como parte de uma forma dominante na consciência, uma percepção que pode indicar a necessidade de uma compreensão mais abrangente sobre fenômenos midiáticos sendo intermediados via meios de comunicação de massa, como a televisão.

O indivíduo dependente da tecnologia pode prejudicar a sua formação (*Bildung*), tornando-se assim subjugado: “Ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único meio de obter resultados desejados. Ser bem-sucedido é o mesmo que se adaptar ao aparato. Não há lugar para a autonomia”. (MARCUSE, 1999:80). O indivíduo “mudou sua função: de uma unidade de resistência e autonomia, e passou para outra de maleabilidade e adaptação” (p.91).

Entendendo que a utilização da tecnologia no cotidiano afeta os indivíduos, na medida em que, eles passam a utilizá-la e, mecanicamente, podem suprimir valores coletivos em prol de uma individualidade e, dessa maneira, afetando a sociedade. Nas palavras de Marcuse (1999:81), “O homem médio dificilmente se importa com outro ser vivo com a mesma intensidade e persistência que demonstra por seu automóvel”.

---

<sup>8</sup> *Bildung* indica, ao mesmo tempo, formação cultural e cultura. Por isso, a pesquisa entende que o título original *Halbbildung* assumiria os dois sentidos. Foi percebida na consulta aos autores e tradutores brasileiros uma opção pela tradução de cultura, semicultura, semiculto.

Em virtude disso, surge um entendimento de que poderiam ocorrer prévias restrições as subjetividades sendo impostas pela própria trama social. Deste modo, a semiformação criaria no indivíduo uma falsa sensação de sabedoria, encobrindo uma superficialidade na qual ele se encontra. Conforme explicou Pucci,

A semiformação, ao invés de instigar as pessoas a desenvolverem plenamente suas potencialidades, e assim colaborarem efetivamente na transformação social, propicia um verniz formativo que não dá condições de se ir além da superfície”. (PUCCI, 1997:3).

Portanto, compreende-se a semiformação como um processo impeditivo na formação de subjetividades que adaptaria os indivíduos a um sistema de produção e, deste modo, distanciando possibilidades de uma percepção emancipatória para ajustá-la a uma cultura de mercado, onde a formação do indivíduo é adaptada à uma “realidade” social permeada pelo pensamento liberal, que poderia amenizar contradições entre o desenvolvimento social e o próprio exercício da democracia.

## **REFLEXÕES FINAIS:**

O enfoque destinado pelo artigo nesta etapa da pesquisa, trouxe uma reflexão crítica acerca da apropriação midiática do comentarista Arnaldo Jabor ao início dos protestos, atuando como um instrumento de conformação a sentidos dominantes, na forma do pensamento liberal que flana entre as subjetividades na sociedade capitalista.

O conceito de Indústria cultural (Adorno; Horkheimer.1991), tornou possível a compreensão sobre uma representação midiática em conformidade a percepções por um público específico e, conseqüentemente, aprisionando quaisquer divergências a partir das próprias subjetividades, em detrimento de uma ideologia capitalista. A argumentação proposta, edifica-se em noções sobre a individualização dos sujeitos como uma característica própria do sistema capitalista se impondo sobre a democracia, a questão da subjetividade social foi amparada em conceitos como a semiformação e a homogeneização, a partir de um referencial teórico da escola de Frankfurt. Buscando enquadramento para uma discussão teórica acerca de questões levantadas como a atuação do Estado e sua relação com a sociedade e a grande mídia, foram apropriados autores de teoria política e de sociologia como Bobbio e Ianni.

Finalizando, vale ressaltar que, posteriormente, a atuação de Jabor torna-se falha na concepção mercadológica, a partir do momento em que ele rompe com o nexo comum e direciona uma agressão ao seu próprio público com o discurso: “Esses revoltosos de classe média não valem nem 0,20 centavos”. Este público é entendido pela pesquisa como o estrato social que o posiciona em seu lugar de fala de destaque na corporação midiática Globo, a qual primordialmente o comentarista representa os interesses. A questão da consequente reação social midiaticizada e sua relação com a retratação de Jabor integrará a abordagem na etapa seguinte desta pesquisa.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**ADORNO**, T. W. (1986a). Indústria cultural. In: COHN, G (Org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986. p. 92-99

\_\_\_\_\_, T. W; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. (Tradução de G. A. de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

\_\_\_\_\_, Theodor W. **Teoria da Semicultura**. (Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu.) In: Revista “Educação e Sociedade”. Campinas: n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411. In: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno.htm> acessado em : 21/06 às 21 hs.

**BAKHTIN**, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

**BOBBIO**, Norberto (2006b). O futuro da democracia. São Paulo: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_, Norberto (2000) Democracia e Liberalismo Econômico. Braziliense. 6 ed. Presente em : <https://mpassosbr.files.wordpress.com/2013/03/bobbio-norberto-liberalismo-e-democracia.pdf> acessado em: 27/06.

**BORON**, Atilio (2001). "Os novos leviatãs e a polis democrática", em A coruja de Minerva: mercado contra democracia no capitalismo contemporâneo. Petrópolis: Vozes.

**COUTINHO**, Carlos Nelson – “Teoria ‘ampliada’ do Estado” in Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, pp. 121-143.

**GRAMSCI**, Antonio – “Maquiavel, a Política e o Estado Moderno”, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991, 8ª edição, p. 87.

\_\_\_\_\_, Antonio “Os Intelectuais e a Organização da Cultura”, (tradução de Nelson Carlos Coutinho), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 4 ed., 1982.

**HALL**, Stuart. "Da diáspora: identidades e mediações culturais". Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; 2003.

**HOBBS**, Thomas. “Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado clesiástico e Civil”. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Nova Cultura, 2000.



**IANNI**, Octavio. Enigmas da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

**MARCUSE**, H. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. (Tradução de Giasone Rebuá). 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_, Herbert. Tecnologia, guerra e fascismo. São Paulo: editora UNESP, 1999.

**MARTÍN-BARBERO**, Jesús. Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia UFRJ, 6ª edição, 2009.

**PUCCI**, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação (1ª Edição). In: Bruno Pucci; Newton Ramos de Oliveira; Antônio Álvaro Soares Zuin.

**SODRÉ**, Muniz. Antropológica do Espelho - Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede - 2ª Ed. 2002.